

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM VIVENCIADAS POR ESTUDANTES DE CURITIBA NAS AULAS REMOTAS

¹Daniela Gomes de Mattos Pedrosa

²Edimara Alves Fagundes

RESUMO

Com a pandemia de Coronavírus, a Educação formal passou por desafios que exigiu não somente uma aprendizagem por parte de professores e estudantes, mas também a adaptação a novos recursos para o ensino e aprendizagem. Diante deste novo cenário, realizamos em 2020, uma pesquisa voltada aos docentes, no sentido de levantarmos os desafios, dificuldades e conquistas neste contexto. Os resultados nos impulsionaram a indagar sobre a realidade dos discentes. Sendo assim, a presente pesquisa traz as experiências de aprendizagem vivenciadas pelos estudantes durante as aulas remotas, na Cidade de Curitiba-PR. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por meio de um questionário *on-line*, realizado no mês de abril de 2021. Os estudantes participantes, deste estudo, são de diferentes níveis de escolaridade: Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Graduação e Pós-Graduação. O embasamento teórico pauta-se em Freire (2001, 1996, 1987) mostrando a importância da relação dialógica como um eixo na construção do ensino e aprendizagem, em Weisz (2000) busca-se os processos de aprendizagem e Masetto (2000) possibilita a reflexão sobre a mediação pedagógica e o uso da tecnologia. As considerações finais destacam as alegações dos estudantes e reflexões para o retorno às aulas presenciais. É importante ressaltar que estes sujeitos estão em uma condição privilegiada, pois a maioria participou das aulas usando computador ou celular e possuem sinal residencial de internet. Condição esta que não representa a realidade brasileira, onde muitos estudantes estão à margem das tecnologias digitais e, portanto, das aulas remotas.

Palavras-chave: Aulas remotas. Aprendizagem. Estudantes.

ABSTRACT

With the Coronavirus pandemic, formal education has experienced challenges that required not only learning by teachers and students, but also adaptation to new resources for teaching and learning. In view of this new scenario, we conducted in 2020, research aimed at teachers, in order to raise the challenges, difficulties and achievements in this context. The results spurred us to question the realities of the students. Thus, this research brings the learning experiences experienced by students during remote classes, in the City of Curitiba-PR. This is qualitative research, through an online questionnaire, conducted in April 2021. The students participating in this study are from different levels

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Graduada em Educação Artística, licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Paraná. Professora de Ensino Superior da Universidade UNINA: daniela.gomes@unina.edu.br

2 Mestra em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Graduada em Educação Artística pela Faculdade Artes do Paraná e especialização em Educação Fundamentada na Arte pela Universidade Tuiuti do Paraná. Coordenação da Educação de Jovens e Adultos, Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED): edimarafagundes@hotmail.com

of education: Elementary School II, High School, Undergraduate and Graduate School. The theoretical basis is based on Freire (2001, 1996, 1987) showing the importance of dialogic relationship as an axis in the construction of teaching and learning, in Weisz (2000) we seek the processes of learning and Masetto (2000) allows reflection on pedagogical mediation and the use of technology. The final considerations highlight the students' claims and reflections for returning to face-to-face classes. It is important to emphasize that these subjects are in a privileged condition, since most participate in classes using computer or mobile phone and have a residential internet signal. This condition does not represent the Brazilian reality, where many students are on the margins of digital technologies and, therefore, remote classes.

Keywords: Remote lessons. Apprenticeship. Students.

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, realizamos uma investigação sobre os desafios e enfrentamentos dos docentes da Educação Básica de Curitiba- PR, frente às aulas remotas e a nova ordem social, em decorrência da pandemia de Coronavírus³. Os resultados obtidos nos impulsionaram a estender tal pesquisa para o público dos discentes. Na perspectiva de compreendermos, de forma mais ampla, as dificuldades, aprendizagens, desafios e superações vividas pelos estudantes, em consequência das aulas remotas.

Com o fechamento das escolas e instituições de ensino superior, as aulas passaram a ser realizadas pelos docentes em seus lares, usando a tecnologia disponível: celulares, laptops, plataformas digitais, entre outras, e transmitidas aos estudantes que também precisavam contar com recursos próprios para participarem delas. Além das dificuldades técnicas, referentes aos equipamentos e a internet, os estudantes precisavam estudar sozinhos, sem a presença física dos colegas e docentes. E muitas vezes sem contar com o auxílio dos pais, no caso das crianças e adolescentes, que também estavam em casa trabalhando ou ausentes em atividades externas. Já no caso dos adultos, muitos tiveram que transformar o espaço de seus lares, para compartilhar o trabalho, estudo, tarefas domésticas e atendimento aos familiares.

E é sobre essas vivências, as dificuldades encontradas pelos discentes e o impacto na aprendizagem, durante o ensino remoto, que este artigo discute.

³ O coronavírus causa infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Geralmente, são doenças respiratórias leves a moderadas, semelhantes a um resfriado comum. Já o novo coronavírus é uma nova cepa do vírus (2019-nCoV) que foi notificada em humanos pela primeira vez na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China (FIOCRUZ, 2020).

Para tanto, trazemos o pensamento de Freire (2001, 1996, 1987) enfatizando a relação dialógica como pilar para construção do saber, Weisz (2000) sobre os processos de aprendizagem e Masetto (2000) referente a mediação pedagógica e o uso da tecnologia, para nos auxiliarem nessa discussão.

Nesse sentido, por meio de uma pesquisa qualitativa, aproximando-se das falas dos estudantes, por intermédio de questionário *on-line*, referente às experiências de aprendizagem vivenciadas no primeiro semestre de 2021, na cidade de Curitiba-PR, e o que elas podem revelar sobre a aprendizagem nas aulas remotas durante a pandemia de Covid 19.

A APRENDIZAGEM NAS AULAS REMOTAS

Se levarmos em conta o pensamento de Weisz (2000, p. 65), de que “não é o processo de aprendizagem que deve se adaptar ao de ensino, mas o processo de ensino é que tem de se adaptar ao de aprendizagem. Ou melhor: o processo de ensino deve dialogar com o de aprendizagem”, podemos nos perguntar como esse diálogo se realizou durante as aulas remotas.

Se por um lado os docentes tiveram que superar barreiras, enfrentar novos desafios referentes ao uso da tecnologia e a adaptação curricular, por outro, os discentes também precisaram de uma nova postura frente às aulas remotas.

Segundo a mesma autora (2000), cabe ao professor organizar as situações de aprendizagem. E para que tenham valor pedagógico e gerem boas situações de aprendizagem, devem reunir algumas condições. Tais como:

Os alunos precisam pôr em jogo tudo o que sabem e pensam sobre o conteúdo que se quer ensinar; os alunos têm problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõem a produzir; a organização da tarefa pelo professor garante a máxima circulação de informação possível; o conteúdo trabalhado mantém suas características de objeto sociocultural real, sem se transformar em objeto escolar vazio de significado social (WEISZ, 2000, p. 66).

Se já é difícil agregar todas essas condições no ambiente cotidiano da sala de aula, a tarefa parece bem mais complexa tendo em vista o novo formato de aulas, necessário a adaptação das normas vigentes durante a pandemia de Covid 19.

Tal adaptação às aulas remotas, necessitou dos docentes, em um pri-

meio momento, de um investimento em novas aprendizagens referente ao uso das tecnologias digitais. Pois, em sua maioria, conforme nossa pesquisa anterior (Pedroso & Fagundes, 2021), os docentes (74%) não tinham nenhuma experiência com o ensino remoto e tampouco com as ferramentas digitais.

Esse fato se justifica, uma vez que, segundo Masetto (2000, p. 133-4),

Em educação escolar, por muito tempo - e eu diria mesmo, até hoje -, não se valorizou adequadamente o uso de tecnologia visando a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e mais eficaz. Se nos perguntarmos o porquê desse fato, encontraremos em algumas situações, por exemplo, a convicção de que o papel da escola em todos os níveis é o de “educar” seus alunos - entendendo por “educação” transmitir um conjunto organizado e sistematizado de conhecimentos de diversas áreas [...] e exigir deles memorização das informações que lhes são passadas e sua reprodução nas provas e avaliações.

Apesar de nem todos os educadores pensarem dessa forma, e nem todas as instituições de ensino, seguirem esse sistema transmissor e reprodutor, o autor tem razão em proclamar o distanciamento das novas tecnologias do processo de ensino-aprendizagem, de grande parte de nossas escolas e instituições de ensino superior.

Muitas vezes, o uso da tecnologia é relegado somente a uma complementação do ensino por meio de jogos, *Quiz* e outras atividades lúdicas.

Nesse sentido, o mesmo autor nos alerta,

[...] há questões subjacentes às expressões *eficácia*, *eficiência*, *tecnologia*, que interessam seriamente ao processo de aprendizagem e que não podem ser desconsiderados, como por exemplo a busca dos melhores recursos para que a aprendizagem realmente aconteça, o acompanhamento contínuo do aprendiz motivando-o em direção aos objetivos educacionais, a possibilidade de interação a distância, a avaliação do processo e da aprendizagem esperada, a reconsideração do relacionamento professor-aluno e aluno-aluno (MASETTO, 2000, p. 136).

O fato é que independente das razões atribuídas a pouca familiaridade com as tecnologias digitais, com as restrições impostas pela pandemia de Covid 19, elas passaram a protagonizar as ações educativas. Os desafios, as dificuldades e os enfrentamentos atingiram da mesma forma professores e estudantes. Uma vez que já discutimos esse contexto pelo viés dos docentes, o presente artigo busca discutir, agora, a visão dos discentes.

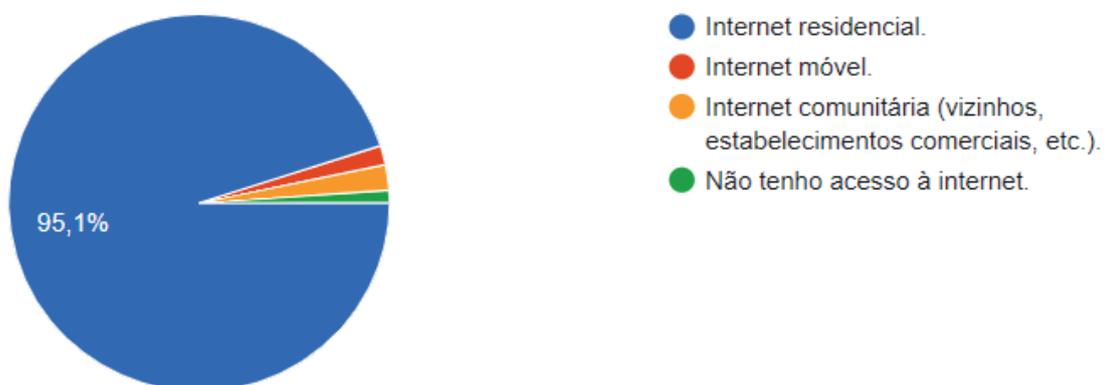
Esse artigo surgiu em meio aos debates promovidos por duas professoras inquietas com o silêncio que se fez nas salas de aulas a partir das aulas remotas. Uma instituição de ensino vazia perde seu sentido. E que sentido ela ganha quando aquilo que se construía por meio da coletividade, agora se constrói isoladamente?

As instituições de ensino se constroem como o espaço das relações. Nesse sentido, Freire (2001, p. 47) afirma que o ser humano é um “[...] ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo.” Na tentativa de estabelecer relações e adentrar o espaço individualizado dos estudantes, buscamos ouvir as falas daqueles que participaram das aulas remotas.

O diálogo se estabeleceu por meio de um questionário *on-line*, no mês de março de 2021, com 10 perguntas para estudantes da cidade de Curitiba, de diferentes níveis de escolaridade: Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Graduação e Pós-graduação. Das 184 respostas recebidas, prevaleceu a participação dos estudantes do Ensino Fundamental II com 39,6% (74 estudantes), em seguida estudantes da Graduação 29,9% (56 estudantes), Ensino Médio 23% (43 estudantes), e Pós-graduação 7,5% (14 estudantes).

Os estudantes participantes desta pesquisa, em sua maioria, possuem acesso à internet residencial, uma vez que 95,1% indicaram que utilizam esse tipo de sinal. Quanto ao meio utilizado para a realização das aulas, a resposta permitia assinalar várias alternativas e prevaleceu o uso do computador (56,5%) e do celular (48,9%), e poucos fizeram uso da televisão (6,5%) e do material impresso (0,5%).

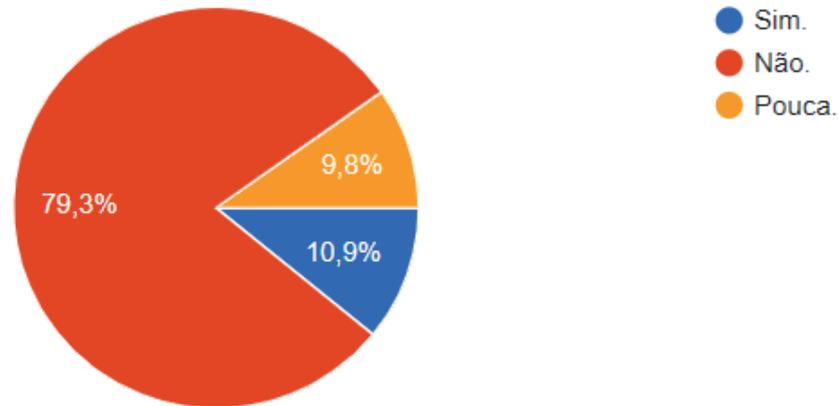
Gráfico 1 - Acesso à internet para assistir às aulas



Fonte: Questionário *On-line*, 2021.

Foi identificado que a maior parte dos estudantes não tinham experiência anterior com aulas remotas totalizando 79,3%, somente 10,9% já haviam tido esse tipo de aula e 9,8% tinham pouca experiência com elas.

Gráfico 2 - Experiência com aulas remotas antes da pandemia



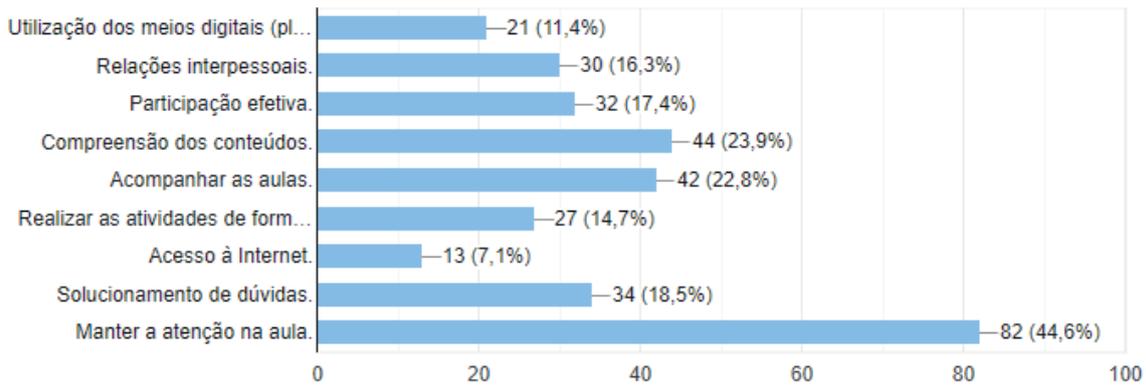
Fonte: Questionário *On-line*, 2021.

Na pesquisa realizada com os professores o resultado foi semelhante, 74% não tinham experiência com o ensino remoto, 21% tinham pouca experiência, e somente 5% tinham trabalhado com aulas remotas (Pedroso & Fagundes, 2021). É possível constatar que as aulas remotas trouxeram desafios para estudantes e para os professores, pois ambos viveram uma forma de ensinar e aprender distinta das já experienciadas.

Desta forma vivenciamos um momento que exigiu a aprendizagem dos professores e dos estudantes, essa condição nos leva a refletir sobre Freire (1987, p. 73) quando se refere aos seres humanos “que se sabem como inconclusos” e por meio desta condição é possível buscar o novo, e reconhecer o processo educativo envolto no constante reaprender.

Houve uma pergunta sobre as maiores dificuldades encontradas nas aulas remotas, onde colocamos 9 opções como resposta, sendo que era possível assinalar diversos itens. O gráfico 3 apresenta o resultado.

Gráfico 3 - Maiores dificuldades encontradas nas aulas remotas



Fonte: Questionário *On-line*, 2021.

Neste gráfico é possível perceber que houve uma prevalência das respostas com relação a manter a atenção nas aulas (44,6%), seguido pela dificuldade de compreensão dos conteúdos (23,9%) e de acompanhar as aulas (22,8%). No que se refere às relações interpessoais (16,3%) consideram que a ausência física também gerou dificuldade. Essa pergunta nos permite refletir sobre o espaço das instituições de ensino, esse lugar que se compõe pela movimentação de pessoas, pelos barulhos nas salas, nos corredores, uma inquietação constante que muitas vezes parece um caos, mas é nesse lugar que as pessoas se encontram e em meio a tudo isso constroem a aprendizagem. E essa não ocorre somente na relação entre professores e estudantes, ela ocorre na troca e no diálogo entre todos. As aulas remotas nos permitem um repensar sobre o espaço em que o ensino e aprendizagem acontecem. O quanto a partir dele o saber se consolida.

Os meios utilizados para o aprendizado dos estudantes que participaram dessa pesquisa, foram o computador e o celular, esses meios podem nos levar a perguntar sobre o modo como foram utilizados, se possibilitaram contato ou relações? Nas aulas presenciais, a efetivação da aprendizagem é facilitada por meio das relações e essas são tão naturalizadas, no ambiente de ensino e aprendizagem. É possível que as aulas remotas tenham nos dado a oportunidade de analisarmos a potência das relações no espaço de ensino e aprendizagem.

O acesso à internet também pode interferir na aprendizagem. Pois, 7,1% dos estudantes disseram que muitas vezes o sinal oscilava, gerando desconti-

nuidade na participação das aulas. Isso pode contribuir para a falta de concentração e até compreensão dos temas tratados em aula.

Aqui também podemos nos reportar a Freire (1996, p. 69), quando nos fala que ensinar exige apreensão da realidade e nesse caso não é “[...] apenas para nos adaptarmos, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a [...]”. Esse momento exigiu uma revisão da prática pedagógica, buscando meios que pudessem adequar-se à realidade dos estudantes.

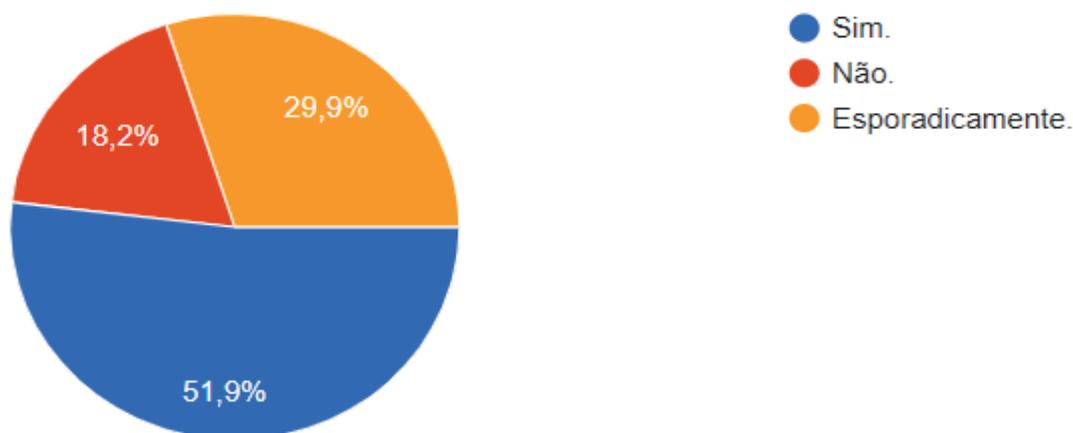
Houve também uma pergunta aberta para que os estudantes respondessem livremente sobre outras dificuldades além das propostas no questionário. Nela, 122 estudantes reafirmaram alguns dos itens propostos no questionário. Assim como, outros aspectos também foram levantados. Os estudantes do ensino fundamental apontaram a falta de colaboração da família e da interação com os professores e o excesso de atividades. Já os estudantes do ensino médio falaram da dificuldade em estudar pelo celular, do excesso de atividades e do pouco tempo dado para copiar as atividades.

Os estudantes da graduação trouxeram as dificuldades em compreender algumas atividades e de realizá-las em grupo, falta de motivação, cobranças excessivas, ansiedade da pandemia, uso compartilhado do notebook, e a falta das aulas práticas. Os estudantes da pós-graduação também ressaltaram a questão da falta das aulas práticas, o uso compartilhado do notebook, as dificuldades com uso do aplicativo da instituição e a pouca memória do celular e do computador, a organização dos estudos em meio a rotina da casa e o esforço para dar conta dos conteúdos.

Levar a escola para dentro dos lares exigiu uma reorganização não somente da rotina, mas também de um repensar sobre a prática pedagógica dos professores, pois os relatos dos estudantes revelam as dificuldades enfrentadas e evidenciaram o quanto o processo de ensino e aprendizagem necessita de um espaço apropriado para sua efetivação.

A pergunta seguinte foi sobre a realidade vivida, se o tema da pandemia foi abordado nas aulas. 51,9% responderam que sim, 29,9% responderam que ocorreu esporadicamente e 18,2% disseram que esse tema não foi contemplado nas aulas.

Gráfico 4 - Aulas com temas relacionados a Pandemia



Fonte: Questionário *On-line*, 2021.

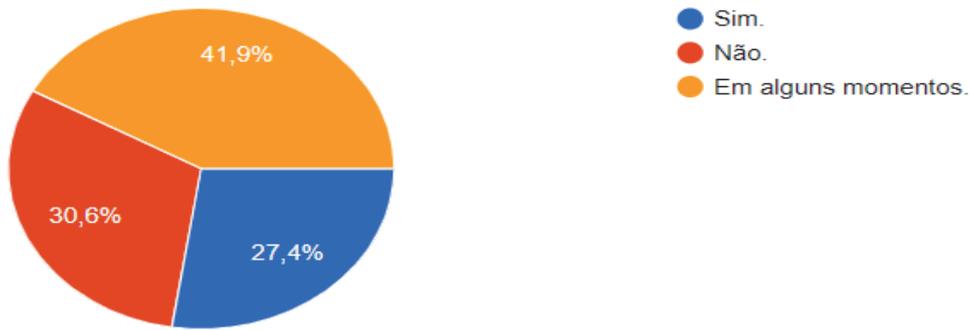
Neste sentido, é preciso levar em conta o pensamento de Ribeiro,

[...] é preciso não perder de vista que, se a pandemia agudizou as contradições perversas do sistema, também criou novas chances de reavaliação, redenção e cura psíquica. [...] O foco no âmbito interno, há muito esquecido em prol da extroversão do ver e do fazer, renasceu no ambiente doméstico. [...] Viver para produzir deixou de fazer mais sentido do que viver para viver (2020, p. 22).

Essas e outras questões e inquietações precisam estar nas salas de aula. Pois, se uma nova ordem social foi imposta pela pandemia, os resultados nesse contexto precisam ser discutidos por todos.

Com relação à realidade familiar, questões pessoais e de infraestrutura, se foram consideradas pelos professores em suas aulas, 41,9% responderam em alguns momentos, 30,6% responderam que não e 27,4% responderam que sim. No Gráfico 5, é possível observar este contexto.

Gráfico 5 - Realidade familiar considerada pelos professores

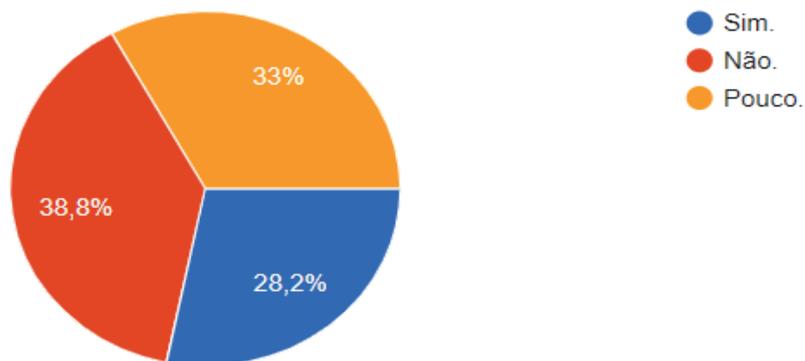


Fonte: Questionário *On-line*, 2021.

De modo geral os professores buscaram aproximação à realidade vivida pelos estudantes. Para Freire (1996), o processo de ensino e aprendizagem não está centrado exclusivamente nos conteúdos programáticos, mas sim na forma de construir a relação e quando essa é aberta e dialógica, a realidade dos estudantes torna-se uma premissa na construção do conhecimento.

Na pergunta sobre os conhecimentos adquiridos nas aulas remotas, se foram compatíveis aos das aulas presenciais, 38,8% responderam que não, 33% pouco e 28,2% que sim.

Gráfico 6 - Conhecimentos adquiridos nas aulas remotas são compatíveis aos das aulas presenciais



Fonte: Questionário *On-line*, 2021.

Aqui podemos questionar os motivos que levam a essa diferença entre os conhecimentos das aulas presenciais e remotas. Talvez a justificativa possa estar relacionada aos argumentos discutidos anteriormente, como as dificuldades encontradas no uso das ferramentas digitais, a dificuldade de concentração

e até o ato solitário de aprender.

Outra hipótese é a de que os professores tenham tido dificuldades em relação a transposição didática dos conteúdos oriundos na nova ordem social e tenham se atido aos currículos originais, sem uma adaptação na forma e tampouco de conteúdo. O que nos faz refletir sobre o pensamento de Weisz, de que, “cabe à escola garantir a aproximação máxima entre o uso social do conhecimento e a forma de tratá-lo didaticamente. Pois se o que se pretende é que os alunos estabeleçam relações entre o que aprende e o que vivem, não se pode, com o intuito de facilitar a aprendizagem, introduzir dificuldades. Nesse sentido, o papel da escola é criar pontes e não abismos” (2000, p. 75).

A última pergunta era uma questão aberta que estimulava os estudantes a responderem livremente sobre as impressões acerca das aulas remotas. A maior parte dos estudantes do Ensino Fundamental, respondeu que não gostaram de estudar remotamente, alguns justificaram que não conseguiam esclarecimento das dúvidas e outros sentiam falta dos colegas e dos professores.

Nesta pesquisa diversos estudantes da Educação de Jovens e Adultos participaram e alguns disseram que gostaram das aulas, por causa da facilidade para conciliar o trabalho e a família com os estudos. Outros destacaram pontos positivos e negativos, dentre eles a necessidade de estudar remotamente para todos ficarem protegidos e a dificuldade em aprender desta forma.

Com relação aos estudantes do Ensino Médio, prevaleceram respostas negativas em relação às aulas remotas, com a justificativa de que a interação ajuda na concentração, destacando a dificuldade de aprender solitariamente e a falta de professores em determinadas disciplinas prejudicou ainda mais. Alguns estudantes gostaram das aulas e argumentaram que os professores ajudavam, mas criticaram a qualidade de determinadas aulas.

A maioria dos estudantes da Graduação, respondeu que gostaram das aulas remotas. Muitas justificativas se pautaram no deslocamento, afirmando que ganhavam tempo, economizavam e podiam adequar os horários de estudos mais facilmente a rotina. Mas também houve respostas negativas e com justificativas bem distintas, alguns citaram a precariedade da instituição, falta de investimento para essa forma de ensinar, além do cansaço, falta dos colegas e professores. Diversos estudantes evidenciaram que para aquele momento, as aulas suprimam as necessidades, porém nada substitui as aulas presenciais.

Os estudantes da Pós-graduação trouxeram pontos positivos como os

de que era mais prático para otimizar o tempo, facilitou para as aulas teóricas e que as aulas remotas atenderam a necessidade daquele momento, mas sentiram a falta das aulas práticas e principalmente a falta da interação com os professores e colegas.

Em resposta, a pergunta que inicia essas análises, calcadas no pensamento de Weisz e lembradas aqui, de que “não é o processo de aprendizagem que deve se adaptar ao de ensino, mas o processo de ensino é que tem de se adaptar ao de aprendizagem. Ou melhor: o processo de ensino deve dialogar com o de aprendizagem” (2000, p. 65), podemos considerar que muito faltou para que isso se concretizasse, no período das aulas remotas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa possibilitou a aproximação a estudantes de diferentes níveis de escolaridade. Normalmente, é realizada a separação dos níveis de escolaridade em função de suas especificidades, porém, as aulas remotas trouxeram desafios semelhantes. Nesta pesquisa, optamos em salientar o que houve em comum nas experiências vividas pelos estudantes.

É importante, primeiramente destacar o fato de que os participantes desta pesquisa estão em uma condição privilegiada, pois a maioria participou das aulas usando computador ou celular possuía sinal residencial de internet. O privilégio desses estudantes é justamente os meios pelos quais estavam utilizando para participar das aulas, uma vez que uma parcela importante de estudantes não possuía recursos para ter acesso ao conteúdo das aulas, outros tiveram acesso por meio de material impresso ou pela televisão, mas encontraram barreiras no esclarecimento das dúvidas.

Nas respostas ao questionário ficou evidente que os estudantes participantes desta pesquisa, independentemente do nível de escolaridade, tiveram dificuldade em manter a atenção na aula. A transformação repentina da rotina dos estudos e a adaptação da casa em um ambiente de aprendizagem, mesmo após mais de um ano de aulas remotas, demonstra o quanto a relação presencial entre os professores e os estudantes é importante para efetivação da aprendizagem, assim como a relação entre os colegas.

O número reduzido de estudantes que consideraram os conhecimentos compatíveis aos das aulas presenciais, pode se justificar pelos obstáculos

anunciados ao longo desta pesquisa, e isso nos leva a pensar no retorno às aulas no formato presencial. Pois, nesta pesquisa foi possível perceber que há uma disparidade na aprendizagem entre os estudantes que participaram das aulas remotas.

Ao considerarmos os diferentes meios pelos quais os estudantes tiveram acesso às aulas, sejam eles fazendo uso do computador ou celular, por meio das plataformas digitais ou aulas virtuais, foi possível comprovar que embora esses meios tenham facilitado o esclarecimento das dúvidas e o contato com os professores, mesmo assim, os estudantes manifestaram a falta da relação entre os professores e colegas. Essa é uma dificuldade que extrapolou o uso das ferramentas e recaí no das relações pessoais.

Os estudantes que tiveram acesso ao conteúdo das aulas por meio do material impresso ou pela televisão, possivelmente tiveram essas dificuldades acentuadas. Nesse contexto, tivemos ainda, estudantes que não participaram das aulas, o que resulta em um cenário altamente desigual. Então, podemos considerar que a discrepância dos saberes se acentuou neste período.

Sendo assim, com o retorno às aulas presenciais faz-se necessária uma avaliação da aprendizagem do período remoto e um planejamento que leve em consideração o contexto de cada estudante. No sentido de promover maior equidade nas experiências de aprendizagem presenciais, superando as desigualdades ocasionadas pelas aulas remotas no tempo da pandemia de Coronavírus.

Posto isto, devemos levar em consideração o pensamento de Beiguelman, “ponderando sobre o futuro pós-pandêmico, Bruno Latour⁴ disse que “a última coisa a fazer seria voltar a fazer tudo o que fizemos antes”. Mas, talvez, o futuro da pandemia já tenha se tornado presente.” (2020, p. 238). Então, não podemos perder mais tempo.

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, Giselle. Coronavida: Biopolíticas e estéticas do novo normal. IN: DUARTE, Luisa; GORGULHO, Victor. **No tremor do mundo: ensaios e entrevistas à luz da pandemia**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 229 - 240.

4 Ver: LATOUR, Bruno. **Imaginar gestos que barrem a produção pré-crise**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação com prática da liberdade**. 25ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FIOCRUZ. **O que é o novo coronavírus**. Não Paginado. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/o-que-e-o-novo-coronavirus>. Acesso em: 26 de Julho de 2020.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas-SP: Papirus, 2000.

PEDROSO, Daniela Gomes de Mattos; FAGUNDES, Edimara Alves. A docência em tempo de pandemia: desafios e enfrentamentos. IN: ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges (Org.). **Nenhum(a) a menos na escola: práticas educativas no cotidiano escolar - antes, durante e pós pandemia**. Vol 2. Paraná: CRV, 2021.

RIBEIRO, Sidarta. O vírus Sars-Cov-2. IN: DUARTE, Luisa; GORGULHO, Victor. **No tremor do mundo: ensaios e entrevistas à luz da pandemia**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.p. 19- 25.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.